

TNSJ TEATRO
NACIONAL
SÃO JOÃO
PORTO



ficha técnica TNSJ

produção executiva

Mónica Rocha

direção de palco

Emanuel Pina

adjunto do diretor de palco

Filipe Silva

direção de cena

Ana Fernandes

luz

Filipe Pinheiro (coordenação),

Adão Gonçalves, Alexandre Vieira,

José Rodrigues, Nuno Gonçalves,

Rui M. Simão

maquinaria

Filipe Silva (coordenação),

Adélio Pêra, António Quaresma,

Carlos Barbosa, Joaquim Marques,

Jorge Silva, Lídio Pontes, Paulo Ferreira

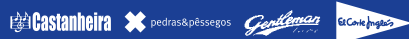
som

João Oliveira

operação de legendagem

Constança Carvalho Homem

apoios TNSJ



apoios à divulgação



agradecimentos TNSJ

Câmara Municipal do Porto

Polícia de Segurança Pública

Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

agradecimentos Artistas Unidos

Rounds Academy

Gonçalo Egito

Artistas Unidos é uma estrutura financiada por



Artistas Unidos

Escritório

Rua Campo de Ourique, 120

1250-062 Lisboa

T 21 391 67 50

artistasunidos@artistasunidos.pt

www.artistasunidos.pt

edição

Departamento de Edições do TNSJ

coordenação

Fátima Castro Silva

design gráfico

Dobra

fotografia

Jorge Gonçalves

impressão

Multitema

Não é permitido filmar, gravar ou

fotografar durante o espetáculo.

O uso de telemóveis ou relógios com

sinal sonoro é incómodo, tanto para os

intérpretes como para os espectadores.

“Um grande drama moderno”

Os limites dos laços familiares e da honra pessoal são testados na emocionante tragédia de Miller, *Do Alto da Ponte*. A pobreza de uma família americana da classe operária confronta-se com a destituição dos seus primos imigrantes, desesperados por construir uma nova vida. Num pequeno apartamento arrendado em Red Hook, Brooklyn, a família Carbone senta-se para jantar no fim de um longo dia. Eddie Carbone trabalha como estivador nas docas dos subúrbios de Nova Iorque, pondo comida na mesa com o suor do seu esforço. Ele e a esposa, Beatrice, ambos primeira-geração de italo-americanos, não têm filhos, mas criaram a sobrinha Catherine desde a infância. Apesar de tudo parecer bem, há uma tensão silenciosa em casa. Eddie tem sentimentos não resolvidos para com a sobrinha e o seu casamento com Beatrice está a esmorecer. O que torna esta tarde diferente é a notícia de que os primos afastados de Beatrice, Marco e Rodolpho, tinham vindo de Itália e logo chegariam à casa. Os dois imigrantes entraram sem documentação nos Estados Unidos, através de um navio cargueiro. Apesar de abrigá-los ser ilegal, os Carbone sentem-se honrados em fazê-lo, não só por lealdade familiar mas por ser essa a atitude correta a tomar: ajudar os homens a escapar da pobreza na Europa do pós-guerra. Apesar de Marco e Rodolpho falarem pouco inglês, cedo vão trabalhar, descarregando navios ao lado de Eddie. Marco tem a figura de um duro e tradicional trabalhador imigrante: forte, sossegado e convencionalmente masculino. Envia os seus ganhos para sustentar a mulher e os filhos tuberculosos e espera um dia regressar a casa. Rodolpho, loiro e de pele clara, pelo contrário, parece desafiar todas as expectativas. É alegre e otimista; cozinha, canta, dança e ama as luzes da cidade de Nova Iorque: o seu sonho é tornar-se um cidadão naturalizado. Depressa Rodolpho e Catherine se apaixonam e Eddie torna-se incapaz de lidar com a relação. Procura os conselhos de um advogado e amigo da família, Alfieri, igualmente o narrador da peça. Quando Alfieri diz que nada pode fazer para impedir os dois jovens de se apaixonarem um pelo outro, Eddie toma uma medida drástica e denuncia os seus dois hóspedes ao Departamento de Imigração. A situação piora para Eddie quando Catherine concorda com um casamento apressado para que Rodolpho consiga permanecer no país. Marco, convicto de ser extraditado, paga uma fiança e procura Eddie. Os dois confrontam-se com consequências trágicas e Eddie é morto na rua. À medida que a tragédia avança, imparável, rumo ao seu inevitável fim, contra um pano de fundo de pobreza e imigração, deparamo-nos com uma peça que é, como um grande drama moderno, sobre uma família.

“Um homem que trai”

Jorge Silva Melo



Quando me pus a ler *Do Alto da Ponte* de Arthur Miller numa noite de inverno, dei por mim a pensar nos actores com quem trabalho, no Américo Silva, na Joana Bárcia, na Vânia Rodrigues, no André Loubet, e a pensar: “Mas como podes não fazer esta peça vibrante? Estes papéis não foram escritos para eles?” E acho que foram e que os anos, muitos para uns, poucos para outros, em que já trabalhámos juntos vão voltar a acelerar estas paixões. Sim, porque é de paixões que trata esta tragédia que Miller coloca nas docas de Nova Iorque. Tragédia, traições, contradições, cegueira, delacção, morte. Entre gente pobre, entre traidores. Não, não se trata de uma história exemplar, de um herói, nem sequer de uma vítima do sonho americano. Com violência rara, Arthur

Miller fala de um homem que trai. Mas nestes tempos quem não trai? O Front National não cresceu sobre os restos do movimento operário? Não vemos a traição lavar terreno? Por isso, queria voltar a este texto que conhecia mal (só tinha visto o belo filme de Sidney Lumet e algumas fotografias do espectáculo dirigido por Visconti com o Stoppa e a Morelli), falar dos emigrantes, das escolhas difíceis, da delacção. Falar dos anos 50, falar de hoje. Sem receios, sem dogmas. Cruamente, como Miller nos convida.

Um drama passional, um dilema moral, uma tragédia contemporânea? Nos portos de Nova Iorque, entre emigrantes italianos. A suspeição, o ciúme, a delacção, a traição, numa altura em que arranca

a caça às bruxas do Macarthismo. Que lei é esta que não respeita a lei de cada um? Quem são os vitoriosos, quais os derrotados? Depois de visitar com regularidade Harold Pinter (15 peças), Pirandello (2 peças), Bertolt Brecht (3 peças) e Tennessee Williams (4 peças), os Artistas Unidos, que dedicam particular atenção ao que se escreve agora, entregam-se desta vez ao teatro de Arthur Miller, descobrindo personagens escritos para eles. Traições, contradições, cegueira, leis antigas, leis e morte, sangue de gente pobre. Em palco, falar-se-á de emigrantes, de escolhas difíceis, dos anos 50, dos dias de hoje.

Texto escrito de acordo com a antiga ortografia.

“Um mundo de homens”

Susan Blattès*



Muitas das peças de Arthur Miller dão-nos, sem dúvida, uma perspectiva crítica da sociedade americana e dos seus valores. Isso é sobretudo verdadeiro quanto ao seu trabalho dos anos 50, quando esteve envolvido em vários confrontos com as autoridades, sendo o mais conhecido a sua presença em 1956 perante o Comité de Atividades Antiamericanas. Contudo, houve outros casos em que se recusou a comprometer os aspetos estéticos e éticos do seu trabalho, levando-o a escrever na sua autobiografia, *Timebends*: “A facilidade com que podia, nos anos 60, compreender o medo e a frustração do dissidente no mundo soviético foi o resultado, em grande parte, da minha experiência perante o Comité de Atividades Antiamericanas nos anos 50.” Apesar das referências à sua simpatia pelo marxismo durante os anos 30, início dos 40, a tónica principal do criticismo de Miller é essencialmente moral, uma palavra que usa frequentemente na autobiografia. A sua condenação dos excessos do capitalismo ou do materialismo é, em última instância, o resultado de uma rejeição moral: “Na altura, era-me impossível racionalizar os meus sentimentos, mas sabia que a Depressão não era só uma questão de dinheiro, era uma catástrofe moral, uma

revelação violenta das hipocrisias por trás da fachada da sociedade americana. E é por isso que os factos, para os que viraram à esquerda, podiam significar tão pouco. Nada é tão visionário e tão cego como a indignação moral.”

Provavelmente, é esta noção de indignação moral que leva Miller a focar-se mais nas vítimas de injustiça do que no modo como o sistema permite que esta floresça. Daí a sua preferência pelo indivíduo oprimido, muitas vezes não consciente do que lhe acontece. Por muito humilde, ao herói é dada uma função social, de modo a que as suas ações tenham implicações na sociedade em geral. Isto coaduna-se com a visão de Miller sobre a forma como os indivíduos interagem em sociedade e explica também porque deixou de escrever para teatro durante nove anos: “Do meu ponto de vista, o país estava a ir 180 graus no sentido oposto. Não senti que tivesse algo a dizer a essas pessoas.” [...]

Qual a posição de Miller sobre os direitos civis ou o lugar das mulheres na sociedade? Esta questão torna-se premente num período em que denuncia a intolerância e o materialismo e se assiste ao começo do movimento dos direitos civis e à reavaliação do papel da mulher na sociedade. A questão dos direitos civis

implica a discussão da condição de Miller enquanto filho de um judeu imigrante (o pai emigrou da Polónia no final do século XIX) e pode ser considerada mais eficazmente através do estudo de peças posteriores. A atitude de Miller para com as mulheres é mais facilmente acessível nas primeiras peças através do seu foco na família, mas não é clara. Não há personagem comparável a Blanche DuBois de Tennessee Williams nessas peças. Este artigo tentará averiguar como e porquê as peças de Miller reforçam a impressão de que o seu mundo dramático é um mundo de homens.

Do Alto da Ponte partilha algumas das características de duas peças anteriores de Miller, *Morte de um Caixeiro Viajante* e *As Bruxas de Salém*. Tal como na primeira, explora o papel do marido e pai de família, e, tal como na segunda, estuda a responsabilidade do indivíduo para com a sua comunidade. Teremos de analisar o modo como estes dois papéis se ligam para avaliar o estatuto das mulheres nesta peça. Uma das diferenças mais importantes entre *Do Alto da Ponte* e *Morte de um Caixeiro Viajante* é que, em vez de um filho, é dada a Eddie Carbone uma filha. Catherine não é sua filha biológica (é sobrinha de Beatrice), mas foi criada por ambos. A sua presença implica que a relação familiar é explorada de um modo diferente. É a tensão dentro da família que desencadeia diretamente o ciclo de eventos que leva à morte de Eddie. A escolha do lar como cenário é, portanto, particularmente apropriada. A peça começa como um drama doméstico, opondo um pai extremamente protetor e a filha adolescente, que parece querer escapar à sua interferência excessiva. Ao contrário de Linda em *Morte de um Caixeiro Viajante*, Beatrice não toma o partido do marido na briga com os filhos. Eddie, contudo, parece respeitar pouco as opiniões da esposa, alegando que o seu papel como dona de casa a desqualifica: “Viveste em casa toda a vida, o que é que tu sabes? Nunca trabalhaste em lado nenhum.” [...]

A atitude contraditória de Eddie para com Catherine deve-se tanto ao desejo de a proteger do mundo como ao de a ajudar a nele ter sucesso. As suas atitudes e comportamentos podem ser vistos como

típicos de uma primeira ou segunda geração de imigrantes esperanças em ter sucesso na América, e colocam Eddie na esteira de outros operários crentes no sonho americano. [...] Eddie, como Willy, não teve sucesso pessoal, mas deposita as suas esperanças na geração seguinte. Além disso, ambos causam mais mal do que bem nos esforços errados de influenciarem os filhos.

Em *Do Alto da Ponte*, Eddie depara-se com uma maior oposição em casa do que Willy. Isso deve-se essencialmente ao carácter de Beatrice. Ela toma o partido de Catherine desde o princípio e os seus argumentos, inicialmente rejeitados, provam ser eficazes. Um exemplo é particularmente revelador. Eddie parece ter um estatuto forte quando explica à mulher e “filha” como se irão comportar durante a estadia dos primos de Beatrice, imigrantes ilegais. A posição é reforçada pelo seu conhecimento do processo de trazer imigrantes ilegais para o país. Eddie não insiste nesse maior conhecimento, mas nos seus sentimentos de superioridade moral. Sem perceber que irá pagar por isso, afirma que ajudar familiares é uma “honra”. Para o público, a autoridade de Eddie está ligada à sua noção de honra. Não é decerto por acaso que Beatrice usa a palavra “honra” para o fazer mudar de ideias em relação a Catherine ter um emprego: “De toda a turma, só a escolheram a ela, é uma honra.” Estamos então inclinados a apoiar Beatrice em vez de Eddie? A resposta não é assim tão simples, uma vez que Miller fez dela uma personagem mais complexa do que Linda Loman.

[...] Beatrice é capaz de ler o comportamento de Eddie e entender as suas motivações. Face à crescente desaprovação deste do envolvimento de Catherine com Rodolpho, o seu diagnóstico é claro: “Ah, por favor, isso são ciúmes.” [...] Embora não diga explicitamente que a perda de interesse sexual dele por ela se deve à atração por Catherine, a justaposição desta cena com a próxima torna-o claro. Percebendo que está a perder Catherine para Rodolpho, Eddie começa a desacreditá-lo perante ela, dizendo-lhe que só está interessado no casamento para garantir a cidadania americana. Os seus esforços não afetam Catherine. As didascálias referem a perda

de controlo de Eddie. Os motivos de Beatrice são diferentes e ela admite-o: “Por isso é que fiquei tão contente por ir trabalhar. A sério. É muito bom que numa família todos gostem uns dos outros, mas vives na mesma casa que um homem adulto e já és uma mulherzinha.” Podemos desaprovar o modo como induz a sobrinha de 17 anos ao casamento, mas pelo menos Miller deu-nos alguma perceção do seu ponto de vista. [...]

A personagem de Catherine não é examinada tão detalhadamente. A palavra “querida” é usada várias vezes para a descrever e apesar de conseguir, com a ajuda de Beatrice, confrontar Eddie, a sua recém-conquistada independência é logo abandonada em favor de Rodolpho e cedo regressa ao papel de criança indefesa: “Não sei nada, ensina-me, Rodolpho, abraça-me.” A ela só são concedidas reações de raiva ou desilusão e a sua admiração infantil por Eddie acaba substituída por um inequívoco desprezo. É como se o interesse de Miller na personagem se limitasse ao breve momento em que troca a lealdade a Eddie pela lealdade a Rodolpho. [...]

A chegada deste coincide com o primeiro passo sério de Catherine no mundo adulto. É difícil imaginar uma personagem mais distinta da de Eddie. Marco é descrito nas didascálias, mas são as outras personagens em palco que comentam a aparência de Rodolpho. Se os comentários de Catherine mostram que ela acha o cabelo louro dele atraente, este é um traço que incomoda particularmente Eddie: “E o que é aquele cabelo? Parece uma bailarina da Broadway.” Eddie teima em vários aspetos da aparência de Rodolpho que sugerem feminilidade. [...] Enumera as conquistas deste com sarcasmo: “É maravilhoso. Canta, cozinha, sabe fazer vestidos...” Pudessem o sarcasmo perder-se, segue-se uma comparação explícita entre os dois: “Não sei cozinhar, não sei cantar, não sei fazer vestidos, por isso trabalho nas docas.” Eddie quer mostrar a sua força e luta com Rodolpho como se estivesse a dar-lhe uma aula de boxe. Esta primeira tentativa falha e Catherine começa a dançar com Rodolpho, pouco impressionada com essa demonstração de força bruta. A segunda tentativa vai mais longe. Eddie, encontrando os dois sozinhos, agarra Catherine num ataque de ciúme sexual

e beija-a. Tenta depois humilhar Rodolpho, dominando-o fisicamente e beijando-o, mas não o consegue envergonhar porque este não partilha das suas opiniões sobre o que um homem deve ser e fazer.

Podemos perguntar-nos porque é que Miller opõe o agressivamente masculino Eddie ao sexualmente ambíguo Rodolpho. É possível que Catherine se sinta atraída pelas qualidades que o distinguem do “pai”, mas este ponto não é explorado na peça. Sendo Rodolpho tão diferente, Eddie não sabe como lidar com ele e isso traz-lhe ainda mais frustração. [...] Ao contrário do rival, Rodolpho parece não se preocupar com o que pensam dele. O seu papel na peça limita-se à esfera privada e ele é sobretudo um estranho na comunidade. [...]

Apesar dos defeitos, Eddie não deve ser visto como um monstro ou iríamos rejeitá-lo. Devemos sentir simpatia por ele, mas também temos de condenar as suas ações. Marco, por outro lado, é uma vítima inocente ideal. Está mais perto de Eddie em idade, aparência e comportamento e Eddie não esconde o facto de compreender e admirar a sua conduta. Se Rodolpho lhe parece efeminado, “o Marco porta-se como um homem”. Ambos expõem os seus agravos em termos similares a Alfieri, o advogado. [...] No final da peça, é Marco quem controla a situação. As suas palavras e ações têm peso, não as de Rodolpho. Não é possível um compromisso entre Eddie e Marco. Há ainda duas outras vítimas inocentes: dois imigrantes, presos com Marco e Rodolpho. A conduta de Eddie tem repercussões na vida de várias famílias.

Miller atribui-se a tarefa de dar a Eddie uma punição adequada ao mesmo tempo que lhe resgata em certo sentido a dignidade. Este morre defendendo o seu bom-nome nos braços da esposa. Na sequência final, Alfieri elogia-o: “Deixou-se conhecer de forma plena”, mas Eddie nunca admite a verdade a si próprio. Nesta peça, ficamos com a impressão de que o bom-nome de um homem é mais importante do que a verdade. Como em *Morte de um Caixeiro Viajante*, é o sofrimento do herói que acaba por prender a nossa atenção, já que é duplo, privado e público.

* Excertos de *The Theatre of Arthur Miller: A Man's World?*, Presses universitaires de Rennes, 2001.



Américo Silva

Trabalhou com Ávila Costa, José Peixoto, João Lagarto, Carlos Avilez, Rui Mendes, Diogo Dória, Depois da uma... teatro?, Francisco Salgado, Manuel Wiborg e, no cinema, com Jorge Silva Melo, Alberto Seixas Santos e Miguel Gomes. Colabora com os Artistas Unidos desde 1996, tendo participado recentemente em *A Noite da Iguana*, de Tennessee Williams (2017), e *A Vertigem dos Animais Antes do Abate*, de Dimítris Dimitriádis (2017).

Joana Bárcia

Tem o curso do IFICT e frequentou a ESTC. Trabalhou no teatro com Ávila Costa, Sandra Faleiro, Pedro Carraca/Rui Guilherme Lopes, António Simão, La Fura dels Baus. No cinema, participou em filmes de Jorge Paixão da Costa, Jorge Silva Melo, Paulo Rocha, Edgar Feldman. Foi bolsista da Gulbenkian em Nova Iorque, tendo frequentado a escola de Lee Strasberg. Nos Artistas Unidos, trabalhou regularmente entre 1995 e 2005, tendo recentemente participado em *A Noite da Iguana*, de Tennessee Williams (2017).

Vânia Rodrigues

Trabalhou com André Uerba, Miguel Moreira, Mónica Calle, João Mota, João Abel, Há Que Dizê-lo, Latoaria, Tiago Vieira, Pedro Palma, Raúl Ruiz. Nos Artistas Unidos, participou recentemente em *A Noite da Iguana*, de Tennessee Williams (2017), *A Vertigem dos Animais Antes do Abate*, de Dimítris Dimitriádis (2017), e *O Grande Dia da Batalha*, de Máximo Gorki e Jorge Silva Melo (2018).

Bruno Vicente

Licenciado em Teatro-Atores pela ESTC. Trabalhou com Pedro Carmo, Bruno Schiappa, Lia Bertollazo, Luca Aprea, Maria Repas, Natália de Matos, e teve participações em televisão, cinema e publicidade. Tem dirigido a sua atividade para a formação teatral de crianças e jovens, tendo passado, nesse âmbito, pelo Fraserburgh Arts Center (Escócia), Fundação Artemisszio (Budapeste), Creative Cooperation (programa da Comissão Europeia, Hoffenheim, Alemanha) e, mais recentemente, por Luanda, Angola. É professor de Teatro em Queijas.

André Loubet

É licenciado pela ESTC. Iniciou a sua formação teatral na ACE. Trabalhou com o Teatro do Bolhão, Kuniaki Ida, Teatro da Cornucópia, Óscar Murillo, Martim Pedroso, Hop Produções. Frequentou *workshops* com Rogério de Carvalho e Maria Duarte. Nos Artistas Unidos, participou em *Na Margem de Lá – Um Lamento*, de Jorge Silva Melo (2017), *A Vertigem dos Animais Antes do Abate*, de Dimítris Dimitriádis (2017), e *O Grande Dia da Batalha*, de Máximo Gorki e Jorge Silva Melo (2018).

António Simão

Tem os cursos do IFICT (1992) e IFP (1994). Trabalhou com Margarida Carpinteiro, António Fonseca, Aldona Skiba-Lickel, Ávila Costa, João Brites, Melinda Eltenton, Filipe Crawford, Joaquim Nicolau, Antonino Solmer e Jean Jourdeuil. Integra os Artistas Unidos desde 1995, tendo participado recentemente em *A Estupidez*, de Rafael Spregelburd (2017).

Tiago Matias

Em 2000, estreia-se profissionalmente na Companhia de Teatro de Sintra, onde trabalhou com os encenadores João de Mello Alvim, Nuno Correia Pinto, Antonino Solmer, Jorge Listopad, Carlos Pimenta e Pedro Penim. Aí interpretou textos de Tchekhov, Nuno Bragança, Maquiavel, Bernardo Soares/Fernando Pessoa, Gao Xingjian, entre outros. Na Cornucópia, trabalhou com os encenadores Luís Miguel Cintra e Christine Laurent, em textos de Brecht, Pirandello, Sófocles, Shakespeare e Tchekhov. Tem participado em diversas séries de televisão, faz dobragens de desenhos animados e locução de documentários. Nos Artistas Unidos, participou recentemente em *A Noite da Iguana*, de Tennessee Williams (2017), *O Grande Dia da Batalha*, de Máximo Gorki e Jorge Silva Melo (2018), e *Nada de Mim*, de Arne Lygre (2018).

Hugo Tourisa

Nasceu e vive em Lisboa. Iniciou a sua formação como ator em 2004, na Act – Escola de Actores, onde trabalhou com João Mota e João Canijo, entre outros. Passou depois pelo curso de Teatro da Universidade do Algarve, tendo aprendido Interpretação com Manuela de Freitas. Por fim, estudou interpretação na Atlantic Acting School, em Nova Iorque, e frequentou vários *workshops* com Beatriz Batarda. Estreou-se profissionalmente em 2006, com *A Tragédia de Júlio César*, pelo Teatro da Cornucópia, com encenação de Luís Miguel Cintra. Trabalhou ainda com outros encenadores, como Martim Pedroso, Beatriz Batarda, Alexandre Lyra Leite e Susana Sá. Em cinema, trabalhou com Ivo Ferreira, António Pedro Vasconcelos, Joaquim Leitão, Rita Azevedo Gomes e Werner Schroeter. Com os Artistas Unidos, participou recentemente em *Na Margem de Lá – Um Lamento*, de Jorge Silva Melo (2017), e *O Grande Dia da Batalha*, de Máximo Gorki e Jorge Silva Melo (2018).

Gonçalo Carvalho

Tem o curso de Interpretação da Escola Profissional de Teatro de Cascais. Integrou, durante quatro temporadas, o TEC, onde trabalhou em vários espetáculos dirigidos por Carlos Avilez, de que se destacam *Rosencrantz e Guildenstern Estão Mortos*, de Tom Stoppard, *A Visão de Amy*, de David Hare, *A Cozinha*, de Arnold Wesker, entre outros. Trabalhou igualmente no Teatro da Terra em espetáculos dirigidos por Fernando Gomes e Maria João Luís. Em 2010, fundou o Palco 13, que integra desde então. Em 2016, estreia-se na encenação com *O Autor*, de Tim Crouch. No cinema, trabalhou com Ivo Ferreira. Nos Artistas Unidos, participou em *O Grande Dia da Batalha*, de Máximo Gorki e Jorge Silva Melo (2018).

João Estima

É formado na ACE (2011) e frequenta a ESTC. Em 2013, produziu e interpretou *O Inventor de Ideias*, com texto e encenação de Ricardo Alves. Trabalhou com António Capelo, António Júlio, Joana Providência, João Paulo Costa, Maria do Céu Ribeiro, Víctor Hugo Pontes, André Guedes, Esperanza Lopez e Oskar Gómez-Mata. Nos Artistas Unidos, participou recentemente em *O Grande Dia da Batalha*, de Máximo Gorki e Jorge Silva Melo (2018).

Hélder Braz

Tem formação do IFICT, Chão de Oliva, Câmara de Oeiras e Centro Dramático de Évora. Trabalhou com Paulo Filipe Monteiro, Alexandre de Sousa, António Fonseca, Margarida Carpinteiro, J.M. Alvim, David Wheller, Luís Varela, Jean-François Lapalus, Fernando Mora Ramos, Axél De Booseré, Ruy Otero, Ruy Pessoa, António Abernú e com grupos como Orquestra Dramática O Bife, Living Theatre, Royal de Luxe, Pogo Teatro, Teatro das Beiras e Companhia de Teatro O Sonho. No cinema, participou em *É só um minuto*, de Pedro Caldas, *António um Rapaz de Lisboa*, de Jorge Silva Melo, e *Aparelho Voador a Baixa Altitude*, de Solveig Nordlund. Na Covilhã, trabalhou com o Teatro das Beiras no espetáculo *Zoo Story*, de Edward Albee, encenado por Rui Cena e com a ASTA no espetáculo *O Idiota*, encenado por António Abernú. Desde 2016, tem colaborado com a companhia do Grémio Dramático Povoense em *Cardo-Estrelado*, de Patrícia Soso, e *Arabescos*, de Pedro Cera. Com os Artistas Unidos, trabalhou em *Na Selva das Cidades*, de Bertolt Brecht, *Torquato Tasso*, de Goethe (1999), e *O Meu Blackie*, de Arne Sierens (2001).

Inês Pereira

É licenciada pela ESTC. Estreou-se em 2004 no Teatro Tapa Furos, tendo entretanto trabalhado como atriz e por vezes assistente de encenação com Primeiros Sintomas, Teatro da Terra, TEP, Teatro do Eléctrico, Causas Comuns, Ruínas, com encenadores como Bruno Bravo, Sandra Faleiro, Gonçalo Amorim, Maria João Luís, Ricardo Neves-Neves e Carlos Marques. É ainda vocalista do Conjunto Vigor. Nos Artistas Unidos, participou recentemente em *A Vertigem dos Animais Antes do Abate*, de Dimitris Dimitriádis (2017), e *O Grande Dia da Batalha*, de Máximo Gorki e Jorge Silva Melo (2018).

Romeu Vala

Tem o curso de Interpretação da EPTC e de Formação de Atores da ETIC. É cofundador do Palco 13. Em teatro, trabalhou com Carlos Avillez, Adriano Luz, Marco Medeiros (Palco 13) e Renato Godinho. Em cinema, trabalhou em *O Protagonista*, de Sérgio Graciano e Marco Medeiros, e em *A Adorável Dor de Nunca te Ter*, de Patrícia Adão Marques e Nuno de Figueiredo. Participou em várias telenovelas e séries de televisão. Trabalha regularmente em locução e dobragens.

Miguel Galamba

Concluiu, em 2016, o Curso Profissional de Artes do Espetáculo – Interpretação na Escola Secundária D. Pedro V. Frequenta a licenciatura em Teatro – Ramo Atores da Escola Superior de Teatro e Cinema. Nos Artistas Unidos, participou em *Nesta Hora Primeira – nos 40 anos da Constituição da República* (2016), *O Cinema*, de Annie Baker (2017), e *O Grande Dia da Batalha*, de Máximo Gorki e Jorge Silva Melo (2018).

Sara Inês Gigante

Formou-se na ACE (Porto), tendo concluído a licenciatura na ESTC, em 2017. Estreou-se profissionalmente num espetáculo dirigido por Pedro Frias, tendo, em 2015, participado num coletivo que levou à cena uma peça de Tiago Rodrigues, no Teatro do Bairro. Foi estagiária no TNDM II. Nos Artistas Unidos, participou em *O Grande Dia da Batalha*, de Máximo Gorki e Jorge Silva Melo, e *O Vento Num Violino*, de Claudio Tolcachir (2018).

André Pires

É membro fundador da Locomotivo, do grupo de teatro-circo Plot e do Pé Antemão. Foi baterista dos R.E.F., fez os arranjos e a direção musical de *Parece que o Tempo Voa* e a música de *Sons de Fogo* do grupo Tratamento Completo, de que foi percussionista. Trabalhou com Manuel Wiborg, Miguel Hurst, Rissério Salgado, Solveig Nordlund, João Meireles, João Fiadeiro. Trabalha frequentemente com os Artistas Unidos desde 2001.

Rita Lopes Alves

Trabalha com Jorge Silva Melo desde 1987. Assinou o guarda-roupa de vários filmes de Pedro Costa, Joaquim Sapinho, João Botelho, Margarida Gil, Luís Filipe Costa, Cunha Telles, Alberto Seixas Santos, Pedro Caldas, Teresa Villaverde, Carmen Castello-Branco, José Farinha, Teresa Garcia, Fernando Matos Silva e António Escudeiro. É, desde 1995, a responsável, nos Artistas Unidos, pela cenografia e figurinos.

Pedro Domingos

Trabalha com Jorge Silva Melo desde 1994, tendo assinado a luz de quase todos os espetáculos dos Artistas Unidos. Trabalha regularmente com o Teatro dos Aloés. É membro fundador da Ilusom e do Teatro da Terra, sediado em Ponte de Sor, que dirige com a atriz Maria João Luís.

Nuno Gonçalo Rodrigues

É diplomado pela ESTC. Em 2013, em conjunto com João Pedro Mamede e Catarina Rôlo Salgueiro, funda OS POSSESSOS. É atualmente assessor de imprensa nos Artistas Unidos, tendo participado mais recentemente em *A Noite da Iguana*, de Tennessee Williams, *A Vertigem dos Animais Antes do Abate*, de Dimitris Dimitriádis (2017), e *O Grande Dia da Batalha*, de Máximo Gorki e Jorge Silva Melo (2018).

Jorge Silva Melo

Fundou, em 1995, os Artistas Unidos, de que é diretor artístico.

Do Alto da Ponte

de
Arthur Miller
tradução
Ana Raquel Fernandes
Rui Pina Coelho

encenação
Jorge Silva Melo
cenografia e figurinos
Rita Lopes Alves
desenho de luz
Pedro Domingos
desenho de som
André Pires
produção executiva
João Meireles
assistência de encenação
Nuno Gonçalo Rodrigues
Inês Pereira

com
Américo Silva Eddie
Joana Bárcia Beatrice
Vânia Rodrigues Catherine
António Simão Alfieri
Bruno Vicente Marco
André Loubet Rodolpho
Tiago Matias Primeiro Agente
Hugo Tourita Louis
Gonçalo Carvalho Segundo Agente
João Estima Mike
Hélder Braz Sr. Lipari
Inês Pereira/
Sara Inês Gigante Sra. Lipari
Romeu Vala Tony; Clandestino
Miguel Galamba Clandestino

coprodução
Artistas Unidos
Teatro Viriato
São Luiz Teatro Municipal
TNSJ

estreia **14Set2018**
Teatro Viriato (Viseu)
dur. aprox. **1:50**
M/12 anos

English Subtitles

Conversa pós-espetáculo
9 nov

Teatro Nacional São João
8-25 novembro 2018
qua+sáb **19:00**
qui+sex **21:00**
dom **16:00**